

Fragmentos póstumos. Novembro de 1887 – Março de 1888¹

Tradução de Clademir Araldi²

[11 – W II 3. Novembro de 1887 – março de 1888]

Nice, 24 de novembro de 1887

11[10]

Tipos da décadence

Os românticos

Os “espíritos livres” Sainte-Beuve

Os atores.

Os niilistas.

Os artistas.

Os brutalistas

Os delicados.

11[25]

(306) Homens, que são destinos e que, enquanto suportam a si mesmos, carregam destinos, toda a espécie de carregadores *heroicos*: oh, como eles gostariam de um dia descansar de si mesmos! Como eles anseiam por corações e pescoços fortes, para se livrar do que os oprime, pelos menos por algumas horas! E como eles anseiam em vão!... Eles esperam; aspiram por tudo o que é transitório: ninguém se aproxima deles sequer com um milésimo de sofrimento e paixão, ninguém adivinha *como* eles esperam... Por fim, por fim eles aprendem sua primeira astúcia na vida – *não* mais esperar; e, logo em seguida, também a segunda: ser sociável, ser modesto, suportar doravante qualquer um, suportar

¹ Tradução feita a partir da edição crítica Colli/Montinari, organizada por Paolo D'Iorio: NIETZSCHE, Friedrich W. *Digitale Kritische Gesamtausgabe. Werke und Briefe* (eKGWB). Baseada no texto crítico de G. Colli e M. Montinari. Berlim: de Gruyter, 1967 -, org. por Paolo D'Iorio. <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>. Esta tradução teve o apoio do CNPq, por meio da bolsa de pós-doutorado sênior, no período de pesquisa de pós-doutorado no PGFILOS da UFPR (de dezembro de 2020 a agosto de 2021).

² Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: clademir.araldi@gmail.com

qualquer coisa – em suma, *carregar* um pouco mais ainda do que eles haviam carregado até aqui...

11[31]

(310) Visão geral sobre o europeu do futuro: ele mesmo como o animal-escravo mais inteligente, muito trabalhador, no fundo, muito modesto, curioso ao extremo, múltiplo, mimado, fraco de vontade – um caos cosmopolita de afetos e inteligências. Como poderia sobressair dele um tipo *mais forte*? Um tipo com gosto *clássico*? O gosto clássico: é a vontade de simplificação, de fortalecimento, de visibilidade, de felicidade, de temeridade, a coragem para a *nudez* psicológica (– a simplificação é a consequência da vontade de fortalecimento; o deixar que a felicidade fique visível é, do mesmo modo que a nudez, uma consequência da vontade de temeridade...). Para combater, a partir desse caos, em prol dessa *configuração* – para isso necessita-se de uma *obrigação*: é preciso poder escolher entre sucumbir ou *impor-se*. Uma raça dominante só pode prosperar a partir de começos terríveis e violentos. Problema: onde estão os *bárbaros* do século XX? Eles se revelarão e se consolidarão somente após enormes crises socialistas, – serão os elementos capazes da *maior dureza contra si mesmos*, e que podem garantir a *vontade mais duradoura*...

Nice, 15 de dezembro de 1887

11[38]

(315) A partir da pressão da plenitude, a partir da tensão de forças, que cresce constantemente em nós e ainda não sabe descarregar-se, surge um estado, como o que precede uma tempestade: a natureza, que nós somos, *obscurece-se*. Isso também é pessimismo... Uma doutrina, que põe um fim a esse estado, à medida que ela *ordena* algo, uma transvaloração dos valores, em virtude da qual é mostrado um caminho, um para onde para as forças acumuladas, de modo que elas explodam em raios e atos – não precisa ser de modo algum uma doutrina da felicidade: enquanto ela desencadeia a força, que estava concentrada e acumulada até o tormento, *ela traz felicidade*.

11[43]

– Virtude em estilo renascentista, *virtù*, virtude sem moralina

11[49]

(319) A partir do imenso domínio da arte, que é e permanece anti-alemão, e do qual estão de uma vez por todas excluídos jovens alemães, Siegfrieds chifrudos e outros wagnerianos: – o traço de gênio de Bizet, que deu voz a uma nova sensibilidade – ah, tão antiga –, para a qual a música *culta* da Europa não tinha ainda nenhuma linguagem, a uma sensibilidade mais meridional, mais morena, mais queimada, a qual não pode ser entendida pelo idealismo úmido do Norte. A felicidade africana, a jovialidade fatalista, com um olho que mira de modo sedutor, profundo e apavorado; a melancolia lasciva da dança moura; a paixão que cintila cortante e repentina como uma espada; e odores pairando sobre as tardes amarelas do mar, em que o coração se estende, como se ele se lembrasse de ilhas esquecidas, onde ele outrora se demorou, onde ele deveria demorar-se eternamente...

Anti-alemão: O bufão. A dança moura.

As outras preciosidades alemães do gosto estético>

11[55]

(321) Não se deve perdoar o cristianismo por ter arruinado homens como Pascal. Não se deve parar de combater no cristianismo até mesmo o fato dele querer destroçar justamente as almas mais fortes e mais nobres. Jamais se terá paz enquanto essa única coisa não for totalmente destruída: o ideal de homem, que o cristianismo inventou. O resíduo completamente absurdo de fábula cristã, das teias de conceitos e da teologia não nos importa. Ela poderia ser ainda mil vezes mais absurdo, e nós não levantaríamos um dedo contra ela. Mas nós combatemos aquele ideal, que com sua beleza doentia e sedução feminina, com sua secreta eloquência caluniosa persuadiu todas as covardias e vaidades das almas cansadas – e os mais fortes têm horas de cansaço – como se tudo isso que nesses estados poderia parecer mais útil e mais desejável, a confiança, a ingenuidade, a modéstia, a paciência, o amor para seu semelhante, a doação, a entrega a Deus, uma espécie de desapego e abdicação de seu eu inteiro, seria também em si o mais útil e desejável; como se o pequeno e modesto monstro da alma, o virtuoso animal mediano, e homem ovelha de rebanho não somente tivesse a supremacia sobre a espécie de homem mais forte, mais má, mais desejante, mais obstinada, mais esbanjadora e, por isso, cem vezes mais nociva, mas, justamente por isso, restituiria ao homem o ideal, a meta, a medida, a suprema desejabilidade. *Esse* estabelecimento do ideal foi até agora a tentação mais secreta a que o homem esteve exposto: pois com ele ameaçava a decadência das exceções e casos felizes dos fortes e bem-logrados, nos quais a vontade de poder e de crescimento do tipo

homem inteiro deu um passo adiante. Com os valores da decadência, foi cortado pela raiz o crescimento daqueles mais-homens que, por causa de suas pretensões e tarefas elevadas, levavam voluntariamente em conta também uma vida perigosa (expresso em termos econômicos: aumento dos custos dos empreendedores assim como da improbabilidade do êxito). O que nós combatemos no cristianismo? Que ele quer despedaçar os fortes, que ele desencoraja seu ânimo, para aproveitar-se de suas horas ruins e de suas fadigas, que ele quer converter sua segurança orgulhosa em inquietude e penúria de consciência, que ele sabe como envenenar e adoecer os instintos nobres, até que sua força, sua vontade de poder se volte para trás, se volte contra si mesma, – até que os fortes sucumbam devido aos excessos de autodesprezo e de autotortura: aquela forma horrível de sucumbir, cujo exemplo mais célebre nos fornece Pascal.

11[71]

(329) Desprazer e prazer são os *meios de expressão* mais tolos de juízos que se pode pensar: naturalmente, não se diz com isso que os juízos, que se expressam desse modo aqui, devam ser tolos. O abandono de toda fundamentação e logicidade, um sim ou não na redução a um querer-ter ou repelir apaixonado, uma abreviação imperativa, cuja utilidade é irreconhecível: isso é prazer e desprazer. Sua origem reside na esfera central do intelecto; sua pressuposição é uma percepção infinitamente acelerada, uma ordenação, subsunção, um cálculo, uma dedução: prazer e desprazer são sempre fenômenos finais, nenhuma “causa”...

A decisão acerca do que desprazer e prazer deva excitar depende do grau de poder: a mesma coisa que aparece como perigo e coação para a defesa mais rápida, em vista de um *quantum* mínimo de poder, dada uma consciência maior de plenitude de poder, pode resultar em um estímulo voluptuoso, em um sentimento de prazer.

Todos os sentimentos de prazer e desprazer pressupõem já uma *medida conforme o proveito geral, conforme o dano geral*: portanto, uma esfera em que ocorre o querer de uma meta (estado) e uma seleção dos meios para isso. Prazer e desprazer jamais são “fatos originários”.

Sentimentos de prazer e desprazer são *reações da vontade (afetos)*, nos quais o centro intelectual fixa o valor de certas alterações ocorrentes em um valor total, ao mesmo tempo em que introduz ações contrárias.

11[72]

(330) Se o movimento do mundo tivesse uma meta, ela deveria ter sido alcançada. Mas o único fato fundamental é que não há *nenhuma* meta: e toda filosofia ou hipótese científica (p. ex., o mecanicismo), em que uma tal meta é necessária, é *refutada* pelo único fato... Eu procuro uma concepção de mundo, que faça justiça a *esse* fato: o devir deve ser explicado sem se refugiar nessas intenções finais; o devir tem de parecer justificado em cada instante (ou *não depreciável*: o que dá no mesmo); o presente não deve absolutamente ser justificado em vista de algo futuro, ou o passado, por causa do presente. A “necessidade” não é entendida na forma de um ímpeto geral propagador e dominador, ou de um primeiro motor; ainda menos como necessária para condicionar algo valioso. Para isso, é necessário negar uma consciência geral do devir, um “Deus”, para não tratar o acontecer desde o ponto de vista de um ser que sente e pensa conjuntamente, que não *quer* nada: “Deus” é inútil se ele não quer algo e, por outro lado, é posta uma *soma de desprazer e ilógica*, juntamente com aquilo que poderia diminuir o valor total do “devir”: felizmente, falta justamente esse poder somatório (– um Deus sofredor e observador, um “*sensorium* geral” e “todo-espírito” – seria a *maior objeção ao ser*).

Com mais rigor: *não se deve admitir nada de existente em geral*, – porque assim o devir perde seu valor e, precisamente por isso, aparece como absurdo e supérfluo.

Por conseguinte, deve-se perguntar: como pôde (teve de) surgir a ilusão do ente (*die Illusion des Seienden*).

Do mesmo modo: como se desvalorizaram todos os juízos de valor, que se baseiam na hipótese de que haveria entes

mas com isso se reconhece que a *hipótese do ente* é a fonte de toda *calúnia* do mundo

“o mundo melhor, o mundo verdadeiro, o “além” mundo, a coisa em si”

- 1) o devir não possui *nenhuma meta*, não desemboca em um “ser”.
- 2) o devir não é *nenhuma meta*; talvez o mundo *existente* seja uma aparência.
- 3) o devir tem o mesmo valor a cada instante: a soma de seu valor permanece igual: *expresso de outro modo: ele não tem nenhum valor*, pois falta algo no qual ele pudesse ser medido, e em relação ao qual a palavra “valor” tivesse sentido.

O *valor geral do mundo não é depreciável*, por conseguinte o pessimismo filosófico faz parte das coisas cômicas

(331) O ponto de vista do “valor” é o ponto de vista das *condições de conservação e de aumento* com respeito às formações complexas de duração relativa da vida, no interior do devir:

– não há unidades duradouras últimas, nenhum átomo, nenhuma mônada: também aqui “o ente” foi *introduzido* por nós, (por razões práticas, úteis, perspectivistas)

– “Formações de domínio”; a esfera do que é dominante, que cresce incessantemente ou periodicamente diminui, aumenta; ou, com o favor ou prejuízo das circunstâncias (da nutrição –)

– “Valor” é essencialmente o ponto de vista para o crescimento ou decréscimo desses centros dominantes (“pluralidades”, em todo caso, mas a “unidade” não é acessível na natureza do devir)

– *um quantum de poder*, um devir, enquanto nada nisso possui o caráter do “ser”; enquanto

– os recursos expressivos da linguagem são inúteis para expressar o devir: faz parte de nossa *necessidade inerente de conservação* estabelecer constantemente o único mundo rude do que permanece, das “coisas” etc. Relativamente, nós podemos falar de átomos e mônadas: e é certo que o *mundo mais ínfimo em duração é o mais duradouro...*

não há nenhuma vontade: há pontuações de vontade, que incessantemente aumentar ou perdem seu poder

11[74]

(332) – que no “*processo do todo*” o trabalho da humanidade não é considerado, porque não há propriamente um processo global (pensado como sistema –):

– que não há nenhum “todo”, que *toda desvalorização da existência humana*, das metas humanas não pode ser feita com respeito a algo, que propriamente não existe...

– que a necessidade, a causalidade, a conformidade a fins são *aparências* úteis

– que a meta *não* é o incremento de consciência, mas o aumento do poder, no qual está incluído a utilidade da consciência, tanto com prazer quanto com desprazer

– que não se assume os *meios* para a medida de valor suprema (portanto, não para estados de consciência, como prazer e dor, se a consciência mesma é um meio –)

– que o mundo não é nenhum organismo, mas o caos: que o desenvolvimento da “*espiritualidade*” é um meio para a duração relativa da organização...

– que toda “*desejabilidade*” não tem nenhum sentido em relação ao caráter inteiro do ser.

11[75]

(333) a satisfação da vontade *não* é a causa do prazer: quero combater particularmente essa teoria mais superficial. A absurda falsificação psicológica das coisas mais próximas...

mas que a vontade quer ir avante e sempre se assenhora daquilo que se põe no seu caminho: o sentimento de prazer reside justamente na insatisfação da vontade, consiste em que ela não está satisfeita o bastante, sem os limites e resistências...

“O feliz”: ideal de rebanho

11[76]

(334) A *insatisfação* normal de nossos impulsos, p. ex., da fome, da pulsão sexual, do impulso de movimento, não contém em si nada de difamatório; ao contrário, ela atua como estímulo ao sentimento vital, como todo ritmo de pequenos estímulos dolorosos *fortalece*, de que também os pessimistas podem nos convencer; essa insatisfação, em vez de prejudicar a vida, é o grande *estimulante* da vida.

– Poder-se-ia talvez designar o prazer como um ritmo de pequenos estímulos de desprazer...

11[77]

(335) Quanto mais uma força busca por resistências, para se assenhorar delas, tanto mais tem de crescer a medida do fracasso exigido com isso: e enquanto cada força pode somente se liberar naquilo que resiste, é necessário em cada ação um *ingrediente de desprazer*. Esse desprazer atua somente como estímulo da vida: e fortalece a *vontade de poder!*

11[87]

(341) Eu quero restituir toda a beleza e sublimidade, que nós emprestamos às coisas reais e imaginadas, como propriedade e produto do homem: como sua mais bela apologia. O homem como poeta, como pensador, como Deus, como amor, como poder – : oh, acerca de sua permissibilidade régia, com que ele presenteou as coisas, para se *empobrecer* e *se sentir miserável!* Esta foi até agora a maior perda de si mesmo, que ele admirou e adorou e soube ocultar de si mesmo, que foi ele mesmo quem criou aquilo que ele admirava. –

11[94]

(346) Aquele imperador apresentava constantemente a transitoriedade de todas as coisas, para não tomá-las como demasiado *importantes*, e para permanecer sereno entre elas. A mim, ao contrário, tudo me parece ser muito, demasiado valioso, de modo que possa ser efêmero: eu procuro uma eternidade para cada uma delas: não se deveria jogar ao mar os bálsamos e vinhos mais preciosos? – e meu consolo é, que tudo o que foi é eterno – o mar trará isso tudo de volta

11[97]

(349) O niilista filosófico tem a convicção de todo o acontecer é absurdo e em vão; e de que não deveria haver nenhum ser absurdo e em vão. Mas de onde procede esse “não deveria”? Mas de onde se toma *esse* “sentido”? *essa* medida? – O niilista pondera, no fundo, que a visão de um tal ser vazio e inútil atua sobre um filósofo como *insatisfação*, vazio, desespero; essa visão contradiz nossa sensibilidade mais refinada como filósofos. Isso acaba na absurda valoração: o caráter da existência teria de *dar prazer ao filósofo*, se de outro modo ela deveria ter êxito...

Agora é fácil compreender, que prazer e desprazer, no interior do acontecer, podem ter somente o sentido de meios: resta perguntar, se nós *poderíamos* ver o “sentido” e a “meta” em geral, se a questão da ausência de sentido ou de seu contrário é insolúvel para nós. –

11[98]

(350) Valor da transitoriedade: algo que não tem duração, que se contradiz, tem pouco valor. Mas as coisas, que acreditamos serem *duradouras*, são, enquanto tais, *puras ficções*. Se tudo está em fluxo, então a transitoriedade é uma qualidade (a “verdade”) e a duração e a imperecibilidade são uma mera *aparência*.

11[99]

(351) *Crítica do niilismo*. –

I.

O *niilismo como condição psicológica* terá de começar, *em primeiro lugar*, quando se tiver buscado um “sentido” em todo o acontecer, que não está nele: de modo que o buscador por fim perde a coragem. Niilismo é, então, o tornar-se consciente do

longo *desperdício* de força, o tormento do “em vão”, a incerteza, a falta de oportunidade para se restabelecer de algum modo, para acalmar-se ainda de alguma maneira – a vergonha diante de si mesmo, como se se tivesse *mentido* por demasiado tempo... Esse *sentido* poderia ter sido: a “realização” de um cânone ético supremo em todo acontecer, a ordenação ética do mundo; ou o aumento do amor e da harmonia na relação entre os seres; ou a aproximação de um estado de felicidade universal; ou mesmo o pôr-se em marcha para um estado universal do nada – uma meta sempre é ainda um sentido. É comum a todas essas formas de representação que algo deve ser *alcançado* através do processo mesmo: – e agora se compreende que no devir *nada* é visado, *nada* é alcançado... Assim, a desilusão em relação a uma pretensa *meta do devir* como causa do niilismo: seja com respeito a uma meta completamente determinada, seja, generalizando, a compreensão da insuficiência de todas as hipóteses de metas até agora, que se referem ao “desenvolvimento” inteiro (– o homem *não mais* como colaborador, quanto menos como centro do devir).

O niilismo como condição psicológica começa, *em segundo lugar*, quando se impõe uma *totalidade*, uma *sistematização*, mesmo uma *organização* em todo o acontecer e sob todo o acontecer: de modo que a alma sequiosa de admiração e honra frui da representação total de uma forma de domínio e de administração supremas (– no caso da alma de um lógico, já é suficiente a consequência lógica absoluta e a dialética real, para se reconciliar com tudo...). Uma espécie de unidade, uma forma qualquer de “monismo”: e em consequência dessa crença, o homem está num profundo sentimento de conexão e de dependência de um todo infinitamente superior, um *modus* da divindade... “O bem do universal exige a entrega do indivíduo singular”... mas vejam, não *há* esse universal! No fundo, o homem perdeu a crença em seu valor, quando através dele não atua um todo infinitamente valioso: isto é, ele concebeu esse todo, para *poder acreditar em seu valor*.

O niilismo como condição psicológica tem ainda uma *terceira* e *última* forma. Dadas essas duas *compreensões*, que com o devir nada deve ser visado e que sob todo o devir não vigora nenhuma grande unidade, em que o indivíduo singular pode imergir completamente, como em um elemento de valor supremo: assim, resta como *subterfúgio* condenar esse mundo inteiro do devir e inventar um mundo, que está além do mesmo, como mundo *verdadeiro*. Mas assim que o homem descobre como esse mundo foi construído somente a partir de necessidades psicológicas e, por isso, como ele não tem em absoluto nenhum direito, surge então a última forma do niilismo, que inclui em si a *descrença em um mundo metafísico*, – que se proíbe a crença em um mundo metafísico.

Desse ponto de vista admite-se a realidade do devir como *única* realidade, proíbe-se toda forma de atalhos para além-mundos e falsas divindades – *mas não se suporta este mundo, que já não se quer negar...*

– O que no fundo aconteceu? O sentimento da *ausência de valor* foi obtido, quando se compreende que nem com o conceito “*meta*”, nem com o conceito “*unidade*”, sequer com o conceito “*verdade*” se pode interpretar o caráter inteiro da existência. Com isso, nada foi obtido e atingido; falta a unidade abarcante na multiplicidade do acontecer: o caráter da existência não é “*verdadeiro*”, é *falso...*, para se fazer crer um mundo verdadeiro...

Em suma: as categorias “*meta*”, “*unidade*”, “*ser*”, com as quais nós impusemos um valor ao mundo, foram *retiradas* novamente de nós – e agora o mundo parece *sem valor...*

2.

Suposto que nós tenhamos reconhecido até que ponto o mundo não pode mais ser *interpretado* com essas *três* categorias e que, segundo essa compreensão, o mundo começa a se tornar para nós sem valor: então temos que perguntar, *de onde* surge nossa crença nessas 3 categorias – assim, fazemos o experimento se não é possível retirar *delas* a crença. Depois de termos *desvalorizado* essas 3 categorias, então a prova de sua inaplicabilidade ao todo não é mais nenhuma razão *para desvalorizar o todo*.

* * *

Resultado: a *crença nas categorias da razão* é a causa do niilismo. – nós medimos o valor do mundo com categorias, *que se referem a um mundo puramente fictício*.

* * *

Resultado final: todos os valores, com os quais até agora tentamos tornar o mundo estimável acima de tudo para nós, e finalmente o *desvalorizamos* por causa deles, à medida que eles se revelaram como inaplicáveis – todos esses valores são, psicologicamente verificados, resultados de determinadas perspectivas de utilidade para a conservação e aumento das formações humanas de domínio: e apenas falsamente *projetados* na essência das coisas. É ainda sempre a *ingenuidade hiperbólica* do ser humano, de se <colocar> a si mesmo como sentido e medida de valor das coisas...

11[119]

(362) *Para o prólogo.*

Eu descrevo o que virá: o advento do niilismo. Posso descrever agora, porque algo necessário acontece agora – os sinais disso estão por toda a parte, faltam apenas os *olhos* para esses sinais. Eu não elogio, não censuro *que* ele venha: eu acredito, haverá uma das maiores *crises*, um instante da *mais profunda* autoconsciência do ser humano: se o ser humano se recuperar dela, se ele se assenhorear dessa crise, essa é uma questão de sua força: *é possível...*

11[123]

(366) O advento do *niilismo*

O niilismo não é somente uma consideração sobre o “em vão”, e não apenas a crença de que tudo o que tem valor irá sucumbir: põe-se mãos à obra, *dirige-se ao fundo..* Isso é *ilógico*, caso se queira: mas o niilista não crê na necessidade de ser lógico... É o estado de espíritos e vontades fortes: e nessa situação não é possível permanecer no não “do juízo”: – o *não da ação* procede de sua natureza. A aniquilação [*Ver-Nichtsung*] pelo juízo decorre do aniquilamento [*Ver-Nichtung*] pela ação.

11[149]

O niilismo completo

Seus sintomas: o grande *desprezo*
a grande *compaixão*
a grande *destruição*

seu ponto culminante: *uma doutrina* que estimula justamente a vida, o nojo, a compaixão e o prazer de destruição, ensina como *absoluto e eterno*

11[150]

Para a história do niilismo europeu

O período da obscuridade, das tentativas de toda espécie para conservar o antigo e não admitir o novo.

O período da claridade: *compreende-se*, que o antigo e o novo são antagonismos fundamentais: os valores antigos nasceram da vida decadente; os novos, da vida ascendente, – <compreende-se que> o conhecimento da natureza e da história não nos permitem tais “esperanças”, – que *todos os ideais antigos* são ideais hostis à vida (nascidos da *décadence* e determinantes da *décadence*, assim como no pomposo asseio

dominical da moral) – nós *compreendemos* o antigo e não somos ainda fortes o bastante para o novo.

O período dos três grandes afetos

do desprezo
da compaixão
da destruição

O período da catástrofe

o advento de uma doutrina, que *seleciona* os seres humanos... que impele a decisões os fracos, e do mesmo modo os fortes

11[183]

O belo, como Baudelaire o entende (e Richard Wagner –) Algo ardoroso e triste, um pouco incerto, dando espaço a suposições.

11[226]

1. Que a humanidade tenha uma tarefa inteira para resolver, que ela, como um todo, vá ao encontro de algum objetivo: essa representação tão obscura e arbitrária é ainda muito recente. Talvez ela seja abandonada, antes de se tornar uma “ideia fixa”... Ela não é nenhum todo, esta humanidade: ela é uma pluralidade insolúvel de processos vitais ascendentes e decadentes. Ela não tem uma juventude, depois uma maturidade e, enfim, uma velhice. As camadas se interpenetram e se sobrepõem – e em alguns milênios poderão existir sempre ainda tipos mais jovens de homem do que nós hoje podemos comprovar. A *décadence*, por outro lado, pertence a todas as épocas da humanidade: em toda parte há estofos de escória e ruína, é um processo vital mesmo, a eliminação das formações de decadência e de declínio.

[...]

11[228]

As principais formas do pessimismo, o pessimismo da *sensibilidade* (a superexcitação com um predomínio dos sentimentos de desprazer)

O pessimismo da “*vontade não livre*” (dito de outro modo: a falta de forças inibitórias para os estímulos)

O pessimismo da *dúvida* (: a aversão diante de tudo o que é firme, diante de todo agarrar e tocar)

Pode-se observar todas as condições psicológicas correspondentes a essas formas nos hospícios, mesmo que com certo exagero. Do mesmo modo, o “niilismo” (o fulminante sentimento do “nada”)

Mas a que pertence o *pessimismo moral* de Pascal?

o *pessimismo metafísico* da filosofia Vedanta?

o *pessimismo social* do anarquista (ou de Shelley)?

o *pessimismo da compaixão* (como o de Tolstoi, de Alfred de Vigny)?

– Não são todos eles, do mesmo modo, fenômenos de declínio e de adoecimento?... A excessiva atribuição de importância aos valores morais, ou às ficções do “além”, ou às misérias sociais, ou aos sofrimentos em geral: cada exagero desses provém de um *único* ponto de vista, e já é em si um sinal de adoecimento. Do mesmo modo, o predomínio do *não* sobre o *sim*!

O que não se pode confundir aqui: o prazer em dizer-não e em fazer-não provém de uma enorme força e tensão do dizer-sim – propriamente de todos os homens e tempos ricos e poderosos. Como que um luxo; uma forma de ousadia, de todo modo, que se confronta com o terrível; uma simpatia pelo que é horrível e problemático, porque se é, entre outras coisas, horrível e problemático: o *dionisíaco* na vontade, espírito e gosto.

11[327]

Diário do niilista...

O arrepio devido a “falsidade” descoberta

vazio: nenhum pensamento mais; os afetos fortes voltando-se a objetos sem valor:

– Espectadores para esses estímulos absurdos, pró e contra

– reflexivo, zombeteiro, frio em relação a si

– as excitações mais fortes aparecem como mentirosas: como se devêssemos acreditar em seus objetos, como se eles quisessem nos seduzir –

– a força mais vigorosa não sabe mais, para quê?

– está tudo ali, mas não há nenhuma meta –

O ateísmo como ausência de ideal

Fase do não e do fazer-não apaixonados: nele descarregam-se os apetites sequiosos por afirmação, por adoração..

Fase do desprezo mesmo em relação ao não...

mesmo em relação à dúvida..

mesmo em relação à ironia..

mesmo em relação ao desprezo..

Catástrofe: se a mentira não seria algo divino..

se o valor de todas as coisas não residiria no fato de que elas são falsas?..

se o desespero não seria a mera consequência de uma crença na *divindade da verdade*

se justamente o *mentir* e o *falsificar* (falsear) não seria a posição de um sentido, de um valor, uma meta

se não se deveria acreditar em Deus, não porque ele é verdadeiro (*mas porque ele é falso* –?)

11[328]

I.

Conceito de niilismo.

Para a psicologia do niilista.

Para a história do niilismo europeu

Crítica da “modernidade”

As grandes palavras.

Da escola dos fortes.

O homem bom.

A cristandade

Genealogia do ideal

A Circe dos filósofos

Os valores estéticos: procedência e crítica

Arte e artistas: novas interrogações.

11[334]

A lógica do ateísmo.

Se Deus existisse, tudo dependeria de sua vontade e eu não seria nada, além de sua vontade. Se ele *não* existisse, então tudo dependeria de mim, e eu precisaria provar minha independência –

O suicídio seria a forma mais completa, de provar sua independência –

Deus é necessário, por conseguinte, ele tem de existir

Mas ele não existe

Portanto, não se pode mais viver

Esse pensamento devorava também Stavogrin: “quando acredita, ele não acredita que ele acredita. Quando não acredita, ele não acredita que ele não acredita”.

a *fórmula clássica* de Kirilov em Dostoievski:

Eu parei de afirmar minha *descrença*; a meus olhos, não há nenhuma ideia maior do que a negação de Deus. O que é a história da humanidade? O homem nada mais fez além de inventar Deus, para não se matar. Eu, enquanto o primeiro, rejeito a ficção de Deus...

Matar uma outra pessoa – essa seria a independência em sua forma mais baixa: eu quero atingir o ponto supremo de independência

Os suicidas anteriores tinham razões para isso; mas eu não tenho uma única razão para comprovar minha independência –

11[368]

O tipo Jesus

Equivoca-se, quando se atribui um elemento de *fanatismo*... “*impérieux*” Renan

– Falta toda *tortura* na crença, ele é a Boa Nova e a condição de um “bom mensageiro”...

– essa crença não é combativa, não tem nenhum desenvolvimento, nenhuma catástrofe... ao contrário, é infantil... em tais naturezas, a infância *fica para trás* como uma doença –

– essa crença não encoleriza, não censura, não castiga, não é precavida –

– essa crença não traz “a espada”... ela não suspeita, que poderia separar...

– essa crença não se comprova nem com milagres, nem com a promessa de recompensa... ela mesma é a cada instante sua prova, sua recompensa, seu milagre –

– essa crença não é formulada, pois é *vivida* – ... aliás, ela não sustenta nada como real... “verdadeiro”, ou seja, vivo..

– As casualidades da preparação, das leituras (os profetas) determinam sua linguagem conceitual: o elemento judeu no cristianismo é sobretudo o mundo conceitual judeu. Veículo, a psicologia judaica: mas é preciso evitar aqui confundir –: um cristão na *Índia* teria se servido das fórmulas da filosofia *Sankhya*; na *China*, da filosofia de Lao-Tsé – isso não vem ao caso –

Cristo como “*espírito livre*”: ele desdenha de tudo o que é estabelecido (palavra, fórmula, Igreja, lei, dogmas); “tudo o que é estabelecido *mata...*” ele acredita somente na vida e no vivente – e isso não “*é*”, isso *se torna...*

: ele está fora de toda metafísica, religião, História, ciência natural, psicologia, ética –: ele nunca suspeitou que há coisas assim...

: ele fala somente do mais íntimo, das vivências: todo *o restante* tem o sentido de um sinal e de um recurso linguístico –

11[371]

: essa religião *niilista* procura reunir os *elementos de décadence* e *afins* na Antiguidade, a saber:

- a) o partido dos *fracos e malogrados..* (o refugio do mundo antigo: aquilo que ele repeliu com mais força de si...
- b) o partido dos *moralizadores e antipagãos...*
- c) o partido dos *politicamente cansados* e indiferentes (romanos melancólicos) dos *desmoralizados*, a quem restou um vazio
- d) o partido daqueles que estavam fartos de si, – que de bom grado trabalham conjuntamente numa conspiração *subterrânea* –

11[372]

O cristianismo foi o grande movimento *niilista* da Antiguidade, que acabou por triunfar: e desde então ele domina...

11[410]

N.B. Eu desconfio de todos os sistemáticos e saio de seu caminho. Para um pensador, ao menos, a vontade de sistema é algo que compromete, uma forma de imoralidade... Talvez se adivinhe com um olhar sob e atrás desse livro, de qual sistemático ele mesmo se afastou com esforço – de mim mesmo...

11[411]

Prólogo

1.

Grandes coisas exigem que delas se cale ou que se fale com grandeza: com grandeza, quer dizer, com cinismo e com inocência.

2.

O que eu narro é a História dos dois próximos séculos. Eu descrevo o que vem, o que não pode deixar de vir: *o advento do niilismo*. Essa História já pode ser contada: pois a necessidade mesma está aqui em obra. Esse futuro fala já através de cem signos, esse destino se anuncia em toda a parte; para essa música do futuro, todos os ouvidos já estão aguçados. Toda a nossa cultura europeia move-se, desde há muito tempo, com uma tortura da tensão, que aumenta a cada década, como se fosse para uma catástrofe: inquieta, violenta, precipitada: como uma corrente, que quer chegar *ao fim*, que não se volta mais para si, que tem medo de voltar a si.

3.

– Quem aqui toma a palavra, ao contrário, não fez nada até agora a não ser *voltar para si*: como um filósofo e eremita por instinto, que tirou seu proveito no isolamento, na exterioridade, na paciência, no retardamento, no recolhimento; como um espírito ousado e tentador, que se extraviou já em todo labirinto do futuro; como um espírito de pássaro profético, que *olha para trás*, quando ele narra o que virá; como o primeiro niilista completo da Europa, mas que já viveu o niilismo mesmo em si, – que o teve atrás de si, abaixo de si, fora de si...

4.

Não se equivoquem, pois, em relação ao sentido do título, com o qual esse Evangelho do futuro quer ser nomeado: “*A vontade de poder*. Ensaio de uma transvaloração de todos os valores” – com essa fórmula é expressado um *contramovimento*, em vista de um princípio e de uma tarefa: um movimento que em algum futuro irá substituir aquele niilismo completo; mas que o *pressupõe*, lógica e psicologicamente, que em absoluto só pode vir *a ele e a partir dele*. Por que, então, o advento do niilismo é desde agora *necessário*? Porque foram os nossos próprios valores até então que tiraram as consequências últimas dele, porque o niilismo é a lógica pensada até o fim de nossos grandes valores e ideais, – porque nós temos de vivenciar primeiro o niilismo, para descobrir qual era propriamente o *valor* desses “valores”... Nós teremos necessidade, em algum momento, *de novos valores*...

11[413]

O além-do-homem

: não é minha questão propor o que substitui o homem: mas qual tipo de homem deve ser escolhido, desejado, *cultivado* como o de valor superior...

A humanidade não apresenta uma evolução para o melhor; ou para o mais forte; ou para o superior; no sentido em que se crê hoje: o europeu do século XIX, em seu valor, está muito abaixo do europeu da Renascença; desenvolvimento contínuo não implica absolutamente em alguma forma de necessidade, elevação, intensificação, fortalecimento...

num outro sentido, há um *êxito* contínuo de casos singulares nos mais diferentes lugares da terra, e a partir das mais diferentes culturas, em que de fato se *apresenta um tipo superior*: algo que em relação à humanidade inteira é uma espécie de “além-do-homem”. Esses felizes acasos de grande êxito sempre foram possíveis e talvez sempre serão possíveis. E mesmo linhagens, gerações, povos inteiros podem apresentar sob certas circunstâncias esse *êxito*...

Desde as mais antigas épocas desvendadas da cultura indiana, egípcia e chinesa até hoje, o *tipo superior de homem* é muito mais homogêneo do que se pensa...

Esquece-se quão pouco a humanidade pertence intrinsecamente a um único movimento, como juventude, velhice, declínio de modo algum são conceitos que se aplicam a ela como um todo.

Esquece-se, para dar um exemplo, que nossa cultura europeia somente hoje se aproxima de novo daquele estado de cansaço filosófico e de cultura tardia, desde o qual o surgimento de um budismo é possível.

Se for possível em algum momento delinear linhas isocrônicas da cultura através da História, então o conceito moderno de progresso assentaria gentilmente na cabeça: – e o *index* mesmo, conforme ele é medido, o democratismo

11[414]

Prólogo

* * *

O que é bom? – Tudo o que aumenta o sentimento de poder, a vontade de poder, o poder mesmo no homem.

O que é ruim? – Tudo o que provém da fraqueza.

O que é felicidade? – O sentimento de que o poder cresce – de que uma resistência é superada.

Não a satisfação, mas mais poder; não a paz em geral, mas a guerra; não a virtude, mas a habilidade (virtude no estilo renascentista, *virtù*, virtude sem moralina).

Os fracos e malogrados devem perecer: primeiro princípio da sociedade. E deve-se ainda ajuda-los para isso.

O que é mais prejudicial do que qualquer vício? – O ato de compaixão com todos os malogrados e fracos, – “o cristianismo”...

* * *

Meu problema, que eu coloco aqui, não é o que deve substituir a humanidade na cadeia dos seres; mas qual tipo de homem se deve *cultivar*, se deve *querer* como o mais valioso, o mais digno de viver, o mais certo de futuro.

Esse tipo de valor superior já existiu com bastante frequência, mas como um feliz acaso, como uma exceção, – jamais como algo *desejado*. Ao contrário, ele foi justamente muito temido, até agora ele foi quase *o mais temido*: e, a partir desse medo, almejou-se, cultivou-se, *alcançou-se* o tipo contrário: o animal doméstico, o animal dos “direitos iguais”, o *fraco* animal homem, – o “cristão”...

* * *

A vontade de poder

Ensaio de uma transvaloração de todos os valores.

11[415]

A concepção de mundo, com que se depara ao fundo desse livro, é estranhamente sombria e desagradável: entre todos os tipos de pessimismo conhecidos até agora, parece que nenhum atingiu esse grau de maldade. Falta aqui a oposição entre um mundo verdadeiro e um mundo aparente: há somente um mundo, e ele é falso, cruel, contraditório, sedutor, sem sentido... Um mundo assim constituído é o mundo verdadeiro... *Nós temos necessidade de mentira* para triunfar sobre esta realidade, sobre esta “verdade”, para *viver*... Pertence ainda ao caráter terrível e problemático da existência que a mentira seja necessária para viver.

A metafísica, a moral, a religião, a ciência – elas são levadas em consideração nesse livro somente como diferentes formas de mentira: com seu auxílio, *acredita-se* na vida. “A vida *deve* inspirar confiança”: assim posta, a tarefa é descomunal. Para resolvê-la, o homem tem de ser um mentiroso já por natureza, ele tem de ser ainda, mais do que qualquer outra coisa, *artista*... E ele é isso também: metafísica, moral, religião, ciência – tudo isso somente rebentos de sua vontade de arte, de mentira, de fuga da “verdade”, de *negação* da “verdade”. Essa faculdade mesmo, graças à qual ele *violenta a realidade através da mentira*, essa *faculdade de artista par excellence* do homem – ele tem ainda

em comum com tudo o que existe: ele mesmo é um pedaço de efetividade, de verdade, de natureza – ele mesmo é um pedaço de *gênio da mentira*...

Que o caráter da existência seja *desconhecido* – a mais profunda e mais elevada intenção secreta da ciência, da piedade e da arte. Jamais ver muitas coisas, ver muitas coisas falsamente, observar muitas coisas... Oh, como se é ainda esperto em situações, em que se está o mais longe possível de se achar esperto! O amor, o entusiasmo, “Deus” – meras sutilezas do autoengano derradeiro, meras seduções para a vida! Em momentos, em que o homem se torna o enganado, em que ele crê novamente na vida, em que ele se ilude: oh, como ele cresce então! Que encanto! Que sentimento de poder! Quanto triunfo no sentimento de poder!... O homem se torna novamente senhor da “matéria” – senhor da verdade!... E sempre que o homem se alegra, ele é sempre o mesmo em sua alegria: ele se alegra como artista, ele frui de si enquanto poder. *A mentira é o poder*...

A arte e nada mais que a arte. Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande sedutora para a vida, o grande estimulante para a vida...

11[416]

Transvaloração dos valores.

Livro 1: *o Anticristo*

Livro 2: *o Misósofo (der Misosoph)*

Livro 3: *o Imoralista*

Livro 4: *Dioniso*

Transvaloração de todos os valores.

11[417]

eu dei aos alemães o livro mais profundo que eles possuem, meu *Zaratustra* – eu dou-lhes agora o mais independente. Como? Minha má consciência me diz sobre isso, como queres jogar pérolas para os alemães!...

12 – W II 4. Começo de 1888

12[1]

Registro para o primeiro livro

- (1) A história inteira de desenvolvimento da filosofia até agora como história do desenvolvimento da vontade de verdade. (IV)
- (2) Preponderância temporária dos juízos de valor sociais, para produzir um fundamento (IV)
- (3) Crítica do homem bom, *não* da hipocrisia dos bons... (II)
- (4) Valor de Kant (I)
- (5) Para a caracterização do *gênio nacional*. (I)
- (6) *Aesthetica* (III)
- (7) “Espiritualidade”, não apenas ordenando e conduzindo (III)
- (8) Formulação de Deus como ponto culminante: descida dele (III)
- (9) Offenbach Música (IV)
- (10) Sacerdote (II)
- (11) Para a crítica da moral cristã do Novo Testamento (II)
- (12) Todo tipo *fortalecido* de homem permanecendo sobre o nível de um tipo inferior (IV)
- (13) Guerra contra o *ideal cristão*, **não** meramente contra o Deus cristão (II)
- (14) *Francisco de Assis*, lutando contra a hierarquia (II)
- (15) *Sócrates* contra os instintos nobres, contra a arte (II)
- (16) o vício e a *cultura* (II)
- (17) as grandes mentiras na História (II)
- (18) a interpretação cristã da *morte* (II)
- (19) o que permanece idêntico eternamente, a questão do valor (III)
- (20) *Substituição* da moral pela vontade de nossas metas e, por conseguinte, por seus meios
Renunciar ao louvor... (IV)
- (21) Falsificações na psicologia. (II)
- (22) Renan equivoca-se sobre a “ciência” (I)
- (23) Correção do conceito “egoísmo” (IV)
- (24) Expressões militares
- (25) Futuro da ascese (IV)

- (26) Futuro do trabalhador (IV)
- (27) Niilismo (I)
- (28) “Verdade”, nossas condições de conservação, projetadas como predicados do *ser* (III)
- (29) Medida da descrença, da “liberdade do espírito” admitida como medida de poder (IV)
- (30) Crítica e renúncia do conceito “objetivo” (III)
- (31) Forma extrema do niilismo: em que medida é um modo divino de pensar (IV)
- (32) dionisíaco: novo caminho para um tipo de divino; minha diferença em relação a Schopenhauer, desde o início. (IV)
- (33) “para que?” a questão do niilismo e as tentativas, de chegar a respostas (I)
- (34) falta a hierarquia, causa do niilismo. as tentativas de pensar *tipos superiores...* (I)
- (35) o que tem *custado* o grande homem. (IV)
- (36) a vontade de verdade (III)
- (37) Fixação e introdução de sentido (III)
- (38) mais criação de seus avós
- (39) Novo Testamento: cuidado! (II)
- (40) condenação moderna da *vontade de poder* (IV)
- (41) a coragem como limite, quando o “verdadeiro” é reconhecido.. (III)
- (42) Música – a tradição forte. Offenbach; contra a música alemã como uma música *degenerada*.
- (43) o *valor de um ser humano* não é mensurável segundo seus efeitos. “Nobre” (IV)
- (44) Filosofia, arte da vida, *não* arte para a descoberta da verdade. Epicuro
Para a história da filosofia. (IV)
- (45) boas expressões...
- (46) Vontade de verdade: enorme autoconsciência. (IV)
- (46) Vontade de verdade (III)
- (47) as posições fundamentais de teoria do conhecimento e sua relação com os valores superiores (III)
- (48) Filosofia de vendedor ambulante. Para o ideal do psicólogo (IV)
- (49) que sentido tem *transvalorar* valores (IV)
- (50) Larochefoucauld e J. Mill: o último, absolutamente superficial; o primeiro, *ingênuo..*
“Egoísmo” (*Selbstsucht*)
- (51) “Utilidade”, dependente de “objetivos”: utilitarismo. (III)

- (52) o temor de Deus diante do homem
 Conhecimento como meio de poder, para a “igualdade com Deus”. *Valor*. Para a história da Filosofia – (III)
- (53) Aparência, ausência de sentido, o “efetivo” (III)
- (54) Para a caracterização dos “fortes” (IV)
- (55) os “póstumos” – questão da compreensibilidade e da *autoridade* (II)
- (56) Pressuposição para uma transvaloração dos valores (IV)
- (57) Como a glória surge da virtude (II)
- (58) o louvor, a gratidão – como *vontade de poder* (III)
- (59) as falsificações psicológicas sob o domínio do instinto de rebanho (II)
- (60) Instinto de rebanho: que estados e apetites ele enaltece. (II)
- (61) *A desnaturalização da moral* e seus passos (II)
- (62) a moral *reprimida* (II)
- (63) o novo Testamento (II)
- (64) Conhecimento e devir (III)
- (65) Luta e determinismo (III)
- (66) Restabelecimento da ascética. (III)
- (67) Princípio de contradição (IV)
- (68) Derivação de nossa crença na razão (III)
- (69) Superstição da “espécie” (II)
- (70) *Aesthetica* (III)
- (71) *para o plano* (I)
- (71) “sujeito”, coisa em si (III)
- (72) Nihilismo (I)
- (73) Futuro dos judeus
- (74) O descritivo, o pitoresco – seu elemento *niilista* (I)
- (75) *Aesthetica* (III)
- (76) *para o plano*
- (77) o século XVIII (I)
- (78) Futuro da arte (IV)
- (79) o grande homem, o criminoso (III)
- (80) Progresso da desnaturalização do século XIX. (I)
- (81) meu “nihilismo” (I)
- (82) Moral como meio de sedução

de vontade de poder (II)

- (83) Voltaire e Rousseau (I)
- (84) Principais sintomas do pessimismo (I)
- (85) tensão crítica: extremos na preponderância. Século XIX. (I)
- (86) Crítica do homem moderno, sua mendacidade psicológica – sua atitude *romântica* (I)
- (87) Século XVIII (I)
- (88) Thierry, a rebelião popular mesmo na ciência. (I)
- (89) Futuro da educação: cultura da exceção (IV)
- (90) “responsável diante de sua consciência”, astúcia de Lutero: sua vontade de poder (II)
- (91) Instinto da humanidade civilizada contra os *grandes* homens (III)
- (92) Tudo o que é bom, desde outrora é um mal que se tornou usual (III)
- (93) para a justificação da moral. Recapitulação. (IV)
- (94) vícios modernos (I)
- (95) “*cultura*” em *oposição* a “civilização” (I)
- (96) Novo Testamento e Petrólio (II)
- (97) para a aparência lógica (III)
- (98) Morfologia da vontade de poder (II)
- (99) contra Rousseau (I)
- (100) como uma virtude chega ao poder (II)
- (101) metamorfoses e sublimações (a crueldade, mentira etc. (II)
- (102) como tendências hostis à vida são honradas. (II)
- (103) Ótica da estimativa de valor (III)
- (104) Duplicidade, fisiologicamente, como consequência da vontade de poder (III)
- (105) os fortes do futuro (IV)
- (106) o crescimento para o alto e para o pior estão correlacionados (III)
- (107) Virtude sem apreciação hoje: seria preciso, pois, trazê-la em circulação como vício (IV)
- (108) as grandes falsificações na psicologia (II)
- (109) falsificação por princípio da *História*, de modo a fornecer uma *prova* para a moral (II)
- (110) Acerto de contas total com a moral: o que nela anseia ao poder? (III)
- (111) os valores morais na teoria do conhecimento (III)
- (112) os valores morais que predominam sobre os estéticos (II)

- (113) Causas para a ascensão do pessimismo (I)
- (114) as grandes falsificações sob o domínio da moral: *esquema* (II)
- (115) Modernidade (I)
- (116) clássico: para a estética do *futuro* (I)
- (117) Modernos, os comerciantes e os intermediadores (I)
- (118) Modernidade (I)
- (119) O século XVIII e Schopenhauer (I)
- (120) falsificação moderna dos artistas. (I)
- (121) separação moderna entre “público” e “cenáculo” (I)
- (122) para o *prólogo*. A mais profunda meditação. (Pr.)
- (123) qual egoísmo encontra sua fórmula na manutenção da tirania da moral (II)
- (124) visão retrospectiva *justificadora* para a pior consequência da tirania da moral. (IV)
- (125) o patronato da virtude (avidez, despotismo etc. (II)
- (126) Spinoza como o santo de Goethe
- (127) para concluir: um olhar goethiano pleno de amor, de efetiva superação do pessimismo (IV)
- (128) os 3 séculos (I)
- (129) a tentativa de Goethe de uma superação do século XVIII por que falta Goethe como expressão do século XIX? (IV)
- (130) a espécie *forte* alemã (IV)
- (131) escárnio aos sistemáticos
- (132) Schopenhauer como aquele que admite novamente Pascal (I)
- (133) os séculos XVII e XVIII. (I)
- (134) Rousseau e Voltaire por volta de 1760; influência de Rousseau no Romantismo. (I)
- (135) o problema da “civilização” (I)
- (136) Questão do valor do homem *moderno*?
Se seus lados forte e fraco se copertencem. (I)

Segundo livro

- (137) meus cinco não: para o prólogo? (IV)
- (138) meu novo caminho para o *sim* (IV)
- (139) como se assenhoreou-se do ideal da *Rénaissance* (I)
- (140) em honra do século XIX (IV)

- (141) envergonhar-se de ser cristão (IV)
- (142) Repercussão da providência *cristã*, que se deve ao cristianismo.. (I)
- (143) para a justificação da *moral* (IV)
- (144) idealismo “reativo” e sua contrapartida (II)
- (145) a depreciação econômica dos ideais até agora (IV)
- (146) tornar utilizável o homem por meio da virtude: virtude maquinal (IV)
- (147) o altruísmo na biologia! (III)
- (148) Vantagem do *continuum* (IV)
- (149) Existência “inferior” e “superior”? (IV)
- (150) Separação do excesso de luxo da humanidade. Os *dois* movimentos (IV)
- (151) “Modernidade” (I)
- (152) Sujeito, substância (III)
- (153) Simpatia como descaramento
do mesmo modo, a objetividade do crítico (I)
- (154) Pessimismo da força. (I)
- (155) Visão global sobre o niilismo (I)
- (156) Visão global sobre o caráter ambíguo de nosso mundo moderno (I)
- (157) Com a arte, lutar *contra* a moralização (IV)
- (158) *romantisme*: o falso fortalecimento (I)
- (159) justificar as *regras* (IV)
- (160) ciência, *dois* valores (IV)
- (161) Complexo da cultura, *não* da sociedade (IV)
- (162) Barbárie *não* é um assunto de bel-prazer (IV)
- (163) *Aumento* do poder total do homem: em que medida ele condiciona toda forma de decadência. (IV)
- (164) Para a *política da virtude*:
como ela chega ao poder
como ela domina, quando alcança o poder (II)
- (165) Artistas, não os homens da grande paixão
- (166) Meios de conduzir uma virtude à vitória (II)
- (167) melancolia lasciva da dança moura: o fatalismo *moderno*. (I)
- (168) a arte moderna, enquanto arte para tiranizar. (I)
- (169) Meios de conduzir uma virtude à vitória (II)
- (170) Instinto de rebanho: apreciação dos medianos (II)

- (171) a *mulher*, a literatura, a arte (século dezenove, *fealdade*) (I)
- (172) Para I. Niilismo. Plano (I)
- (173) Completude do niilista. (I)
- (174) Afetos como defesa e arma: o que seria do homem *sem* a coação para defender-se e armar-se? (IV)
- (175) *Apequenamento* do âmbito da moral: progresso (IV)
- (176) Níveis da *desnaturalização* da moral (II)
- (177) Restabelecimento da “natureza” na moral (II)
- (178) Fé ou obras? *Lutero*. Reforma. “Autodesprezador”. (II)
- (179) Problema do *criminoso* (IV)
- (180) Metamorfoses da sensibilidade (III)
- (181) Niilismo dos artistas (I)
- (182) A naturalização do homem do século XIX (IV)
- (183) Protestantismo no século XIX. (I)
- (184) Para o ideal do *filósofo*. Conclusão (IV)
- (185) História da moralização e da desmoralização (III)
- (186) Plano do Livro I. “Plano” (I)
- (187) Hierarquia dos homens (IV)
- (188) Música contra palavra (I)
- (189) onde se deve procurar as naturezas *mais fortes* (IV)
- (190) escárnio ao idealismo, que não quer ter a mediocridade de modo medíocre: para a crítica do “idealista”. (I)
- (191) a época trágica (IV)
- (192) o “Idealista” (Ibsen) (1)
- (193) não querer tornar “melhor”, mas mais forte (IV)
- (194) a arte cristã da calúnia (II)
- (195) não uniformizar! “Virtude” não é nada mediano, algo surpreendente (IV)
- (196) Casamento, impulso sexual (III)
- (197) A inteligência judaica dos primeiros cristãos (II)
- (198) o novo Testamento como livro de sedução (II)
- (199) os três elementos no cristianismo. Seu progresso para a democracia: enquanto cristianismo *naturalizado*. (II)
- (200) o cristianismo como *continuador* do judaísmo (II)
- (201) Ironia acerca dos pequenos cristãos (II)

- (202) Individualismo enquanto “vontade de poder”
Sobre as metamorfoses da vontade de poder. (III)
- (203) Ironia acerca dos virtuosos
Crítica do “homem bom” (III)
- (204) a abrangência da hipótese moral (III)
- (205) Crítica do “homem bom” (II)
- (206) contra Jesus de Nazaré enquanto tentador.. (II)
- (207) A prova da força (IV)
- (208) O casamento enquanto concubinato (II)
- (209) Princípio da *hierarquia*.. (IV)
- (210) Conceito de Deus, depois do acerto de contas com os “bons” (IV)
- (211) o cristianismo como judaísmo emancipado (II)
- (212) a vida judaica como fundo das “primeiras comunidades cristãs” (II)
- (213) Petrônio (II)
- (214) se os príncipes poderiam suportar a nós, imoralistas? (IV)
- (215) Cristo: ideal da espécie não nobre de homem. (II)
- (216) nós, conhecedores – quão imorais! (IV)
- (217) Protesto contra Cristo como tipo de homem: enquanto que ele é somente uma caricatura... (IV)
- (218) a desnaturalização do *gênio* (Schopenhauer), sob a influência da moral. (II)
- (219) o que reconcilia Schopenhauer com o Antigo Testamento: o mito do pecado original (II)
- (220) Fazer registros para os meus sins, meus nãoos, minhas interrogações. (IV)
- (221) Tipo dos meus “discípulos” (IV)
- (222) contra Schopenhauer, querer castrar os patifes e parvos. Para a “hierarquia”. (IV)
- (223) para a força do século XIX. (IV)
- (224) se eu *prejudiquei* a virtude? (IV)
- (225) contra o *remorso* (IV)
- (226) A virtude traduzida para a *nobreza* (IV)
- (227) minha forma de justificação da virtude (IV)
- (228) para a hierarquia (IV)
- (229) a força para a *caricatura* em toda *valoração* da sociedade: por meio de sua vontade de poder (II)
- (230) para a crítica dos idealistas: contraposição a mim (IV)

- (231) Guerra contra o “nobre” em sentido molengo-feminino-efeminado (IV)
- (232) nossa música, para o conceito de “clássico”, “genial” etc. (IV)
- (233) em que medida eu *não* desejo a aniquilação dos ideais que eu combato – eu quero apenas dominá-los.. (IV)
- (234) minha posição e a de Schopenhauer: uma controvérsia; do mesmo modo no que tange a Kant, Hegel, Comte, Darwin, os historiadores etc. (IV)
- (235) eu prossigo os pontos fortes do século. (IV)
- (236) o que significa a idiosincrasia moral mesma num indivíduo extraordinário como Pascal? (II)
- (237) em que medida eu concedo novas honras à mediocridade. (IV)
- (238) a escolástica moral é a mais longa e duradoura. (III)
- (239) a ingenuidade no que diz respeito às últimas “*desejabilidades*”, enquanto não se conhece o “por quê?” do ser humano. (III)
- (240) Restabelecimento do conceito correto da “intenção boa, solícita, benevolente”, *não* para honrar a utilidade, mas a partir daqueles que a sentiram (III)
- (241) contra o altruísmo dos *fracos* (III)
- (242) contra a preocupação consigo e com a “salvação eterna” (III)
- (243) mal-entendido do amor, da paixão, da justiça sob a pressão da moral da renúncia de si. (II)
- (244) Mandamentos do culto transformando-se em mandamentos da cultura
- (245) *úteis* são todos os afetos: aqui não há nenhuma medida de valor. (III)
- (246) que sentido tem a perspectiva *míope* da sociedade em relação à “utilidade” (II)
- (247) em que domínios hoje a “cristandade” em absoluto não tem mais nenhum direito.. Na política.. (II)
- (248) contra a superestimação da “espécie” e a subestimação do “indivíduo” na ciência natural (III)
- (249) o “mundo consciente” não pode valer como ponto de partida do valor: necessidade de uma “posição de valor *objetiva*”. (IV)
- (250) “Deus” como estado máximo (IV)
- (251) envergonhar-se da desgraça (IV)
- (252) nós, os conhecedores – nossa última forma de autossuperação (IV)
- (253) as sublimações, p. ex., da dispepsia. (II)
- (254) *meu* ponto de vista dos valores (IV)
- (255) não limitado o bastante para o sistema (IV)

- (256) Moral como depreciação suprema, mesmo no niilismo de Schopenhauer. (I)
- (257) domínio absoluto da moral sobre todos os outros valores: na concepção de Deus
- (258) a perda de todas as coisas naturais através da avaliação das pretensas esferas superiores – até o domínio do “contranatural”
- (259) os resíduos da desvalorização da natureza através da transcendência da moral.
- (260) minha intenção, a absoluta homogeneidade de todo o acontecer, a distinção moral somente uma perspectiva (IV)
- (261) Pessimismo da música (I)
- (262) Casamento, adultério (IV)
- (263) o castratismo cristão-budista como “ideal”: de onde provém o estímulo da sedução? (II)
- (264) a “aparência” do pensamento... (III)
- (265) a arte da dissimulação aumentando na hierarquia dos seres. Para o “pensar”... (III)
- (266) os fanáticos da moral, depois de se ter emancipado da religião: consiste em que a moral cai com o Deus cristão...
- (267) “o domínio do bom”. Ironia, como algo não econômico, como “bom tempo”
- (268) o que foi arruinado através do ideal cristão: ascese, jejum, mosteiro, festa, fé em si, a morte..
- (269) Provas da arte da difamação moralista
- (270) Para o surgimento do belo: crítica de seus juízos de valor (III)
- (271) o artista trágico (IV)
- (272) a forma mais oculta do ideal cristão, p. ex., no culto da natureza, socialismo, “metafísica do amor” etc.
- (273) nossa depreciação *benevolente* do homem, em relação à moral cristã. (I)
- A liberalidade moralista como sinal de crescimento na cultura (IV)
- (274) o homem *mais moral* como o *mais poderoso*, o mais divino: o conhecimento inteiro procurou provar *isso*.
essa relação com o *poder* elevou a moral sobre todos os valores (II)
- (275) o ideal cristão, astuto-judeu (II)
- (276) a autodivinização da gente pequena (80 a) (II)
- (277) Paulo: arranjo da História, para *provar*.. (II)
- (278) a realidade por trás das comunidades cristãs: a *pequena família judia* (II)
- (279) primeira impressão do novo Testamento. Toma-se partido em favor de Pilatus e, então, quase em favor dos escribas e fariseus... (II)

- (280) para a psicologia do *novo Testamento* (II)
- (281) “Espírito” no novo Testamento (II)
- (282) em que medida o cristianismo pode ser patronizado pelas classes *dominantes*. (II)
- (283) Paulo (II)
- (284) Budismo e Cristianismo (II)
- (285) eu não assumo nenhum compromisso com o cristianismo – (IV)
- (286) para o plano do livro *I* (I)
- (287) Pagão – cristão
- (288) Forma da “desnaturalização”: o bom pelo bem do bom, o belo pelo bem do belo, o verdadeiro pelo bem da verdade – (II)
- (289) a falsificação psicológica sob a necessidade de *lutar* por seu ideal (II)
- (290) meu isolamento absoluto: para a introdução. (IV)
- (291) sejais “naturais”! (I)
- (292) “deixai vir as criancinhas”: oh
- (293) a pressuposição psicológica do cristianismo. (II)
- (294) Crítica da idealidade do sermão da montanha (II)
- (295) a tolice antiga contra o cristianismo (II)
- (296) “coisa em si” paradoxal (III)
- (297) a concepção dos deuses, por que é moralizada? (II)
- (298) a imodéstia do tomar parte na discussão no novo Testamento (II)
- (299) Ingenuidade de Kant em afirmar a existência (III)
- (300) a *intolerância da moral*, ao julgar de modo completamente universal – expressão de *fraqueza* do homem (IV)
- (301) ir adiante? Não, ir-para-si
- (302) ter agrado com seres humanos
- (303) Artistas: forma: conteúdo
- (304) Sainte-Beuve
- (305) Georg Sand
- III : 22
- IV : 73
- (306) Homens, que são destinos
- (307) “Mulher moderna” Duc de Morny
- (308) a mulher e o artista
- (309) Ponto supremo da consideração

- (310) o tipo mais forte na Europa do futuro
- (311) “Pastor”: o grande mediano
- (312) Stendhal: “o forte mente”
- (313) para a História do Romantismo
- (314) *Pagão*
- (315) nosso pessimismo (para o livro de receitas)
- (316) que se ponha algo em jogo, por que? (para o livro de receitas)
- (317) Emerson, *Carlyle*
- (318) Ceticismo, o *grande* homem (para o livro de receitas)
- (319) Bizet: a sensibilidade africana (“moura”)
- (320) como se leva a virtude ao domínio
- (321) o cristianismo: como ele destruiu Pascal.
- (322) Taine, Zola: a tirania
- (323) o “idealista”
- (324) a mulher de literatura
- (325) o “trabalhador” moderno
- (326) contra o pessimismo do senhor von Hartmann: prazer como medida de valor
- (327) O espectador (Talma) –
 aquilo que *deve ser verdadeiro, não pode ser verdadeiro...*
- (328) o “bom gosto”: juízo de Sainte-Beuve.
- (329) Prazer e desprazer, secundário.
- (330) Nenhuma meta – nenhum estado *final*: ser justo com *esse* fato!
- (331) “Valores”: em relação a que?
- (332) Valores: *não* em relação a que?
- (333) não é a “vontade” que quer satisfação, *isso* não é “prazer”
- (334) a *insatisfação* plena de prazer
- (335) a medida do desprazer *necessário* como sinal do *grau* de força
- (336) por que razão *nós* vivenciamos tragédias (livro de receitas)
- (337) César, higiene (livro de receitas)
- (338) Livro de receitas: precaução
- (339) pelo que se mede o valor? *Não* é pela consciência
- (340) as ordenações das comidas contêm revelações sobre “culturas”
- (341) a liberalização régia do homem
- (342) necessidade religiosa mascarada como *música*

- (343) Amor, desinteresse, proveito –
- (344) Prostituição, casamento
- (345) “estrume”: *não se acabou* com isso –
- (346) “Transitoriedade”: valor –
- (347) *últimas* palavras de Voltaire: cristão e clássico
- (348) Valor de tudo que é *desvalorizado*
- (349) Sentido oculto do niilismo filosófico
- (350) Valor da “transitoriedade”
- (351) Causas do niilismo! Resumo final!
- (352) Niilismo como estado *intermediário*
- (353) contra o remorso (livro de receitas)
- (354) “nil” admirari [“nada” admirar] (livro de receitas)
- (355) Formas da *descrença*: sintoma do niilismo incipiente
- (356) o homem *não* anseia à felicidade! mas ao *poder*!
- (357) a exigência da desgraça (livro de receitas)
- (358) para a teoria do conhecimento: fenomenalidade *interna*
- (359) veracidade – o que ela é?
- (360) Alegria de descobrir novamente a imoralidade em toda parte
- (361) o homem efetivo tem mais valor do que o homem *desejável*!
- (362) Prólogo: advento do niilismo
- (363) sujeito, objeto
- (364) “fome” no protoplasma
- (365) o paradoxo no conceito *de Deus*: nós negamos “Deus” em Deus
- (366) o niilista *prático*
- (367) Nós – desiludidos com o “ideal”
- (368) Escárnio: “sede *simples*!”
- (369) Seleção dos iguais, o “êxodo”, o isolamento (livro de receitas)
- (370) contra a “justiça” (livro de receitas)
- (371) povo: instinto de parentesco
- (372) os *três ideais*
pagão; anêmico; contranatural

12[2]

12. 4. *Receitas de vida para nós.*

1. 1. *O niilismo, pensado completamente até o fim.*
2. 1. *Cultura, civilização, a ambiguidade do “moderno”.*
3. 2. *A procedência do ideal.*
4. 2. *Crítica do ideal cristão*
5. 2. *Como a virtude triunfou.*
6. 2. *O instinto do rebanho.*
10. 4. *O “eterno retorno”*
11. 4. *A grande política.*
7. 3. *A “vontade de verdade”.*
8. 3. *Moral como Circe dos filósofos*
9. 3. *Psicologia da “vontade de poder” (prazer, vontade, conceito etc.)*

[13 = Z II 3b. Começo de 1888 – primavera de 1888]

13[3]

I. Para a história do niilismo europeu. (Equívoco do pessimismo.)

O que *falta*? Essencialmente, falta o sentido)

Decadência (*Niedergang*) de todos os valores supremos restantes. A força idealizadora se lançou no inverso

I. A vontade de verdade. *Ponto de partida*: Decadência do valor “verdade”.

– Os tipos dominantes até agora. Decadência do tipo dominante.

IV. Para a doutrina do eterno retorno. Como martelo.

– Para a história da hierarquia

1. Fisiologia: as funções orgânicas

2. Psicologia dos afetos

II. O que significam moralistas e sistemas morais.

IV. Nós, os vindouros. Do privilégio da minoria e do privilégio da maioria

II. Procedência dos conceitos supremos de valor (“metafísica”), “rebanho”; “homem bom” etc. *Formações de domínio*.

II. Os valores *estéticos*, origem, crítica.

IV. Hierarquia dos valores.

13[4]

A. *Do advento do niilismo.*

1. “Verdade”. Do valor da verdade. A crença na verdade. – Decadência desse valor supremo. Soma de tudo aquilo que foi feito contra ele.
2. Decadência de toda forma de crença.
3. Decadência de todos os tipos dominantes.

B. *Da necessidade do niilismo*

4. Procedência dos valores supremos até agora.
5. O que significam moralistas e sistemas morais.
6. Para a crítica dos valores estéticos.

C. *Da autossuperação do niilismo.*

7. A vontade de poder: consideração psicológica.
8. A vontade de poder: consideração fisiológica.
9. A vontade de poder: consideração histórico-sociológica.

D. *Os vencedores e os vencidos.*

10. Do privilégio da minoria.
11. O martelo: Doutrina do eterno retorno.
12. Da hierarquia dos valores.

Cada livro 150 páginas.

Cada capítulo 50